

A PSICANÁLISE SOB A ÓTICA DO SUJEITO SURDO

KATIA GOUVEA GUIMARÃES

Este trabalho discute sobre a importância do conhecimento dos psicanalistas em LIBRAS e sua participação na cultura surda para melhor viabilização nos atendimentos em pacientes surdos em uso da língua materna (L1). Esta pesquisa procurou fundamentos na teoria psicanalítica clássica e em autores modernos, buscando compreender as diferenças entre o atendimento clássico (oral) e o atendimento em LIBRAS (língua de sinais) para atender aos sujeitos surdos. Foram abordados aspectos históricos e culturais da comunidade surda tanto de maneira geral bem como seu retrospecto no Brasil. A importância deste estudo se deve ao fato da inviabilidade na terapia tradicional quando se trata do paciente surdo devido a língua de sinais. Assim, realizando um prévio levantamento das obras de Freud e Lacan a pesquisa constituiu em uma revisão bibliográfica utilizando materiais disponíveis como artigos científicos, SCIELO, SECRETARIA DE SAÚDE em língua portuguesa no período que compreende 2001 a 2019. No período de elaboração do projeto desta pesquisa, não encontramos material suficiente para abranger o desenvolvimento, a aquisição de linguagem, estrutura e, principalmente, as formas de manifestações do inconsciente na língua de sinais. Diante dos exposto, nota-se que o conhecimento da LIBRAS é primordial para um atendimento adequado na terapia psicanalítica tanto para o paciente, quanto para aquele responsável pelo cuidado e tratamento.

Palavras-chave: Psicanálise. Surdo. Libras.

1 INTRODUÇÃO

A Psicoterapia psicanalítica conjectura a interação entre o analista e o paciente por meio de um canal de comunicação em que o método da associação possa advir. Através da “Associação Livre” o indivíduo fala o que vier a mente sem censuras. Pesquisas recentes têm evidenciado com dados estatísticos que o adoecimento psíquico atual mudou a “forma tradicional” de tratamento. As doenças no mundo pós-moderno como síndrome de pânico; doenças psicossomáticas; depressão; fracasso profissional entre outras, tem direcionado a psicanálise para epistemologia e novos saberes. Neste contexto, como o sujeito surdo pode expressar seus conflitos e angustias? Como podem ser compreendidos? Como ouvi-los? Qual é a ação do terapeuta nesta situação? A escuta psicanalítica é possível? A escuta como função *princeps* é comum a todos? Essas indagações são sugestivas quando a

psicanálise é baseada no sujeito ouvinte. Averiguando os casos em literatura especializada de pacientes com surdez total ou parcial, que utilizam a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais para estabelecer uma comunicação dialógica, percebemos que os analistas encontram dificuldades, pois se apoiam na linguagem oral para realizar o atendimento. Esta pesquisa tem como objetivo patentizar a excelência da análise com os surdos, ser realizada na língua nativa (L1), pois a linguagem gestual possibilita uma melhor comunicação, metáforas, gírias, chistes e seus sentimentos, sendo mais natural e perceptível a compreensão tal qual o português falado. Este trabalho discute sobre a importância do conhecimento dos psicanalistas em LIBRAS e sua participação na cultura surda para melhor viabilização dos atendimentos em pacientes surdos em sua língua materna (L1). Esta pesquisa procurou fundamentos na teoria psicanalítica clássica e em autores modernos, buscando compreender as diferenças entre o atendimento clássico (oral) e o atendimento em LIBRAS (língua de sinais) para atender aos sujeitos surdos. Assim, realizando um prévio levantamento das obras de Freud e Lacan a pesquisa constituiu em uma revisão bibliográfica utilizando materiais disponíveis como artigos científicos, SCIELO, SECRETARIA DE SAÚDE em língua portuguesa no período que compreende 2001 a 2019. No período de elaboração do projeto desta pesquisa, não encontramos material suficiente para abranger o desenvolvimento, a aquisição de linguagem, estrutura e, principalmente as formas de manifestações do inconsciente na língua de sinais.

2 A PSICOTERAPIA PSICANÁLITICA

A psicanálise Freudiana surgiu num momento específico da história. A era Vitoriana (1837-1901) apresentava com uma sociedade moralista, preconceituosa, disciplinada e proibições severas. Neste contexto patriarcal, a censura e repressão da sexualidade eram governadas por ideologias puritanas. O homem como provedor da família, cabia a mulher casar, procriar, cuidar da casa, dos filhos e obediência inquestionável ao marido. As principais queixas estavam relacionadas a repressão sexual. Freud percebe a importância de um novo método psiquiátrico para tratamento, visto que, a situação que ele se encontrava exigia mais conhecimento. É neste contexto que Freud compõe o método psicanalítico.

Portanto,

A histeria pode ser considerada como a matriz clínica do primeiro sistema freudiano em vários sentidos. Em primeiro lugar empiricamente: foi estudando essa afecção, e não outra, que Freud produziu seus primeiros conceitos [...] Em segundo lugar, porque é na histeria que se verificam de modo mais visível os fenômenos que justificam as ideias centrais da metapsicologia de então –a de deslocamento da energia e a de adesão desta energia a representações que, por esse motivo, se tornam hipertensas (processo primário). O desprazer provocado por tais representações motiva a sua repressão, e esta é a razão de o funcionamento em processo primário ser inconsciente: as primeiras invenções originais de Freud são precisamente o conceito de inconsciente e de defesa, encarregados de dar conta da aparente falta de sentido dos sintomas, e das lacunas de memória que aparecem ali onde a ação da repressão se exerceu. Em terceiro lugar, porque a existência de um vínculo entre o psíquico e o corporal é evidente na histeria [...] (MEZAN apud HALABE, 2014, p. 102-103).

Desenvolvida a mais de 100 anos a Psicoterapia Psicanalista tem um olhar voltado para o funcionamento psíquico, particularmente o inconsciente que influenciam as emoções e o comportamento dos seres humanos. O sujeito a procura de ajuda, espera na psicanálise alguém que possa ouvi-lo e ajudá-lo a pôr um fim no sofrimento.

Para Sigmund Freud o sujeito é encorajado a olhar para dentro de si e mediante a técnica da associação livre de ideias o paciente é instigado a falar [...] olhar para dentro de si, fazendo uso da técnica de associação livre de ideias. Tendo como base a análise fenomenológica da narrativa, o paciente é instigado a falar, desvincilhando-se de ordem, (pré-)conceitos ou mesmo de constrangimentos (HALABE, 2014, p. 105).

Pesquisas recentes têm evidenciado com dados estatísticos que o adoecimento psíquico atual mudou a “forma tradicional” de tratamento. As doenças no mundo pós-moderno como síndrome de pânico; doenças psicossomáticas; depressão; fracasso profissional em outras, tem direcionado a psicanálise para epistemologia e novos saberes.

Estudiosos das mais diversas áreas, como filósofos, psicanalistas, historiadores, sociólogos, analisam os fenômenos sociais de nosso tempo, destacando a importância da globalização, do desenvolvimento tecnológico e científico como responsáveis pelas transformações sociais (MENDES e PARAVIDINI, p. 1, 2007).

As palavras na visão de Freud não são apenas signos, pelo contrário, possuem significados e significantes importantes. É a porta de entrada para o desconhecido – o interior humano. De acordo com Molon e Vianna (2012, p.1), toda palavra “serve de expressão a um em

relação ao outro”. As palavras formam uma unidade da comunicação pelo qual deduz uma atitude responsiva do “outro”.

Um dos argumentos que Freud utilizou em seu texto para demonstrar a diferença entre a Psicanálise e a prática médica foi o de que o psicanalista não utiliza qualquer aparelho para exames físicos nem receita qualquer medicamento, restringindo-se tratar os seus pacientes com as *palavras* (KEPPE, 2016, p.13).

A descoberta do inconsciente descerra espaço para outras formas de manifestações na análise. De acordo com Kepper (2006, p.18): “O campo de atuação do psicanalista é o estudo e o tratamento do inconsciente humano. O método básico utilizado é o da associação livre, que permite a interpretação dos sonhos, dos sintomas e de vários acontecimentos da vida cotidiana.” De fato, os estudos da psicanálise são mais abrangentes e o tratamento não se restringe ao individual, mas estende-se a sociedade, a cultura e as realizações humanas.

O locutor (paciente) utilizará um signo adequado a situação do contexto, para exprimir a sua angústia e dor que demandam desejos a fim de serem compreendidos pelo interlocutor (psicanalista). Bakhtin ressalta a diferença existente entre os processos de descodificação e o de identificação; ou seja, enquanto o sinal é identificado, o signo é descodificado. “Todo signo está sujeito ao critério de avaliação ideológica [...]” (2012, p.2).

Visto que,

[...] o outro escuta as palavras por ver nestas as vias de acesso ao desconhecido que habita o paciente. A situação analítica é, por excelência, uma *situação de comunicação*: nela circulam demandas nem sempre lógicas ou de fácil deciframento, mas as quais, em seu cerne, comunicam o desejo e a necessidade de serem escutadas (MACEDO e FALCÃO, 2004, p.1).

Sendo assim, a psicanálise se propõe ouvir uma escuta oralizada específica, do sujeito ouvinte; não havendo bloqueios na comunicação, o psicanalista discerne as demandas do paciente.

Cabe ressaltar que estamos falando de uma palavra que lhe abriria novas possibilidades de compreensão do sofrimento humano. Desta forma, dois trabalhos se impõem: o de

escutar a palavra do outro, e o de produzir palavras que viessem ao encontro dessa demanda de ajuda. A análise é uma interação entre o analisando e o analisado, tendo a comunicabilidade o principal instrumento da terapia tradicional.

Neste contexto, como o sujeito surdo pode expressar seus conflitos e angustias? Como podem ser compreendidos? Como ouvi-los? Qual é a ação do terapeuta nesta situação? A escuta psicanalítica é possível? A escuta como função *princeps* é comum a todos? Essas indagações são sugestivas quando a psicanálise é baseada no sujeito ouvinte.

2.1 A BASE LINGUÍSTICA NA TERAPIA

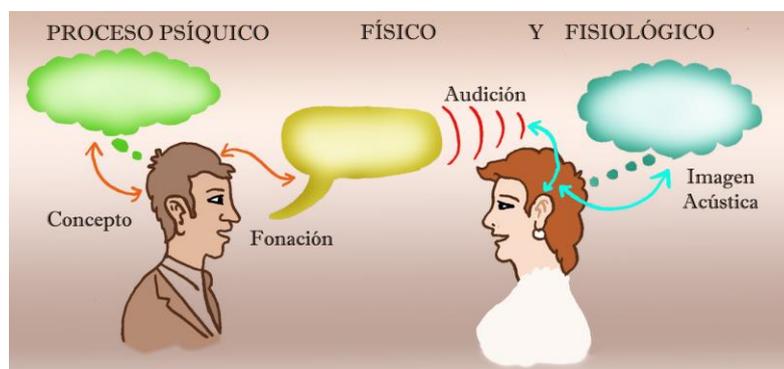
De acordo com Roudinesco e Plon (1998) “A psicanálise surge em reação ao niilismo terapêutico dominante na psiquiatria alemã do final do século XIX, que preconizava a observação do enfermo sem escutá-lo e a classificação da patologia sem o intuito de oferecer-lhe tratamento.” Freud inquieta-se com tal conduta. Mesmo tendo formação médica e estando imerso em um contexto científico de caráter positivista, a conduta psiquiátrica da época não o satisfaz. Freud propõe a todo tempo – e desde o início de sua experiência clínica no Hospital Salpêtrière com Charcot – que o paciente fosse escutado. Embora ainda distante de fundar a psicanálise, já começa a demarcar o importante papel que atribuiria à palavra. A fala exprime sentimentos, visto que o paciente faz a sua própria associação da palavra ao seu significante, ou seja, nem sempre o significado da palavra é “real” no sentido morfológico, e sim apenas no sentido significante do paciente.

A preocupação de Freud era estudar as manifestações do inconsciente, entretanto, este processo de formação se tratava de sujeitos ouvintes, pois para análise era preciso que o paciente manifestasse a sua queixa através da fala (em sua maioria), sendo assim, o método da associação livre emprega-se o discurso oralizado.

Antes de entender a palavra, se faz necessário compreender o que ela significa, visto que, é preciso um conhecimento anterior quanto ao seu significado. Desta forma, a comunicação se estabelece de forma clara e satisfatória.

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, como efeito, um dos aspectos do valor linguístico. Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama *significação*? Essas duas palavras serão sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que eles assimilam (SAUSSURE, 2012, p. 161).

O discurso na visão de Lacan, analisa a psicanálise na perspectiva estruturalista saussuriana. Para ele, a imagem acústica tem uma denotação específica do significante na psique do analisante.



Fonte: MENDES, 2018 (google imagens)

Segundo Saussure (2012) a língua é um pensamento organizado na matéria fônica e para compreender uma língua basta apenas dois elementos: as ideias e os sons. Psicologicamente, a palavra é uma abstração da nossa mente, signos reproduzidos capazes de distinguir a ideia ao significado de modo claro e variável.

[...] Lacan utilizou os conceitos de Saussure, afirmando que o significante precede o significado, ele direcionou a Psicanálise para o campo da linguística. O inconsciente, que era considerado por Freud como sendo movido por pulsões biológicas, passou a ser visto por Lacan como sendo estruturado enquanto linguagem [...]. Uma diferenciação importante na perspectiva lacaniana é entre o *eu* e o *sujeito*. Enquanto o *eu* é o lugar das ilusões imaginário, o *sujeito* é o próprio ser existente (KEPPPER, 2006, p. 417).

Vejamos os exemplos (1) e(2)

Valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual

| Signo | Significado | Significante |
|-------|-----------------------------|---|
| Mãe | Materna. “aquela que cuida” | Abandono, ódio, amor, amiga, paixão.... |

O mesmo acontece na língua de sinais, o significante pode ser bem diferente do que representa realmente. A associação do surdo é através das imagens já que a língua é visual-espacial.

Valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual - surdo

| Signo | Significado | Significante |
|---------|---|---|
| CORAÇÃO |  |  <small>shutterstock.com • 196202714</small> |

Para sistema psíquico, a língua não é apenas um sistema fônico, mas está imersa num mar de expressões de ideias, sendo assim, a mente é uma ponte entre o som e o pensamento.



Fonte: SAUSSURE, 2018. (google imagens)

Podemos deduzir que,

[...] no cérebro uma imagem acústica corresponde: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca até o ouvido: processo puramente *físico* [...]. Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas em virtude da nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social (SAUSSURE, 2012, pp .43-45).

A psicanálise tem um papel importante na codificação das palavras fônicas, pois elas possuem sentidos abstratos, ou seja, significantes na fala do paciente. É na escuta, que o psicanalista se propõe a “filtrar” o verdadeiro sentido que estas as palavras apresentam no discurso do paciente, caso contrário, haverá bloqueios na comunicação.

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som é o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som.” só se chegaria a isso por uma abstração cujo o resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura (SAUSSURE, 2012, p. 49).

O ser humano possui a capacidade de se comunicar seja através da fala, escrita, sinais, imagens entre outras, ou seja, o “homem” apresenta mecanismos inatos (mente humana) para formular meios de comunicação entre a espécie.

Sistemas biológicos como o “Sistema Nervoso Central” é responsável pela codificação das mensagens recebida, através dos sentidos. A línguas de sinais denominadas como língua de modalidade espaço-visual recebe as informações linguísticas através dos olhos e produzidas pelas mãos, o que se difere das línguas orais. Entretanto haverá processo de codificação da mensagem.

2.2 A ESCUTA PSICANALITICA

A associação livre é um método terapêutico utilizado por Freud no tratamento para neuroses em substituição da hipnose usado no tratamento de histeria na paciente Fräulein Elisabeth Von R uma jovem húngara – o caso é descrito nos estudos “*Estudos sobre Histeria*” (1895). Nela o paciente é orientado a falar livremente, o que lhe vier a cabeça sem ser conduzido pelo analista, entretanto, é importante que o paciente se obrigue a falar tudo que lhe traga autopercepção. Citado por Kepper (2006, p. 81) “[...] pela descoberta desse novo método que Freud se capacitou e entrar mais profundamente no terreno do inconsciente e fazer as importantes descobertas que marcaram esta ciência que ele criou [...]” Na associação livre o psicanalista não fica atento a elementos particulares do discurso e sim, a atenção flutuante, a contrapartida da associação livre. Visto que,

A associação livre oferece inúmeras vantagens: expõe o paciente à menor dose possível de compulsão, jamais permitindo que se perca contato com a situação corrente real; e garante em grande medida que nenhum fator da estrutura da neurose seja desprezado e que nada seja introduzido nela pelas expectativas do analista (MOURA, 2009, p.2).

A associação livre não é totalmente “livre”, cabendo o psicanalista manter o paciente sobre a influência da situação analítica, embora não exerça influência no paciente a assuntos específicos. Visto que

[...] a associação livre se tornou o método psicanalítico, sendo a interpretação dos sonhos mais uma ferramenta, oriunda da mesma fonte, e a hipnose saiu de cena. Sobre a interpretação dos sonhos. Por ter este método da associação para analisar e “curar” os pacientes, permitindo que eles se expressem de forma livre e dispensando suas censuras, Freud, em contrapartida, precisou desenvolver a atenção flutuante para “não selecionar de forma consciente” o conteúdo manifesto. Essa relação de inconsciente para inconsciente que o método exige faz com que possamos entender os pontos determinantes do discurso e os pontos nevrálgicos, por assim dizer, que conduzem à “cura” (HALABE, 2018, p. 23).

A priori a escuta se faz com o som da fala, visto que é necessário conhecimento por parte do psicanalista a língua em uso. Se a escuta é uma ferramenta importantíssima na psicanálise, é inviável uma terapia eficaz sem tal ferramenta.

Para Sigmund Freud é preciso permitir que o paciente esteja livre para falar tudo o que lhe vier à cabeça, sem regras, sem pontos de partida, sem a preocupação com concordâncias e conteúdos intencionais. Na psicanálise a “fala” (língua) e o ouvir (som) são os instrumentos de trabalho importantes para o psicanalista. Cabe a este deter a sua atenção na fala do paciente e atentos a tudo o que for dito. De acordo com Bastos segundo Freud (1912, p. 150) adverte que " Ver-se-á que a regra de prestar igual reparo a tudo constitui a contrapartida necessária da exigência feita ao paciente, de que comunique tudo o que lhe ocorra, sem crítica ou seleção". Esta citação de Freud a priori causou impacto aos médicos de sua época, entretanto, reconheceram a importância da escuta das queixas dos seus pacientes para melhor diagnosticá-los.

A função da escuta não é apática a análise, ela coloca o paciente numa posição de movimento, interação consigo mesmo. Quando o sujeito fala, ele escuta a si mesmo,

elabora questionamentos sobre si e do mundo, e depara-se com aquilo que desconhece sobre si. Para Beartiz (2009) “A escuta é ativa, é preciso dar consequências a ela, como ir de encontro à satisfação e ao prazer de descobertas de um novo saber; [...] nos posicione perante uma realidade da qual queremos participar e na qual queremos o direito de ter voz ativa.” Para o psicanalista resgatar o singular do sujeito é necessário fazê-lo se expor por meio da fala.

O domínio quanto o idioma na terapia é importante, pois como obter uma escuta satisfatória sem conhecer a língua nativa do sujeito? Haveria viabilidade na comunicação?

Segundo Halabe (2018), cita como exemplo um texto da Revista Brasileira de Psicanálise, em que um autor questionava os entraves na comunicação quando o psicanalista não conhece a língua nativa do paciente.

A outra história ocorreu durante um encontro, há muitos anos, em que um dos nossos mais ilustres autores, um reconhecido poliglota, contava episódios de sua vida e de suas experiências em diversos países e culturas, e de como manejava os distintos idiomas, até que uma criança presente, já possivelmente contaminada pela peste analítica, perguntou-lhe em que língua sonhava. O visitante parou, pensou e respondeu que sempre em alemão. Sua língua materna. [...] Minha hipótese, em suma, é de que, embora cada analista percorra várias cidades ou que seja por elas percorrido, há, em última instância, uma única rua ou cidade ou idioma, em que pode de fato desenvolver o máximo de sua capacidade analítica (EIZIRIK apud HALABE, 2018, p.5).

Dessa forma, podemos entender que, a diferença nos níveis de compreensão na comunicação pode ser uma barreira difícil de transpor, a ausência de familiaridade do idioma falado pelo paciente e incompreendido pelo analista, cerceia a comunicação entre o analisando e o analisante, e dificulta a terapia.

Para que o paciente estabeleça a associação livre (método psicanalítico), o momento em que a relação de inconsciente para o inconsciente acontece, o analista se entrega a escuta flutuante permitindo que o paciente exponha elementos mais significantes em sua fala. O analista familiarizado com a língua materna do paciente, desempenhará a melhor função: “[...] a de se entregar à escuta sem privilegiar nenhum elemento do discurso, permitindo que sua própria atividade inconsciente entre em ação, despertando-o para os elementos mais significantes na fala do seu analisando” (HALABE, 2018).

2.3 A SURDEZ

Segundo Quadros (2004, p. 24) a surdez é a perda maior da percepção dos sons. Sob aspectos que interfere na aquisição da linguagem e da fala, pode-se considerar o deficit como perda média abaixo de 40 decibéis. Sendo assim temos com características sujeito surdo:

Parcialmente surdo – portador de surdez considerado leve com perda até 40 decibéis, impede a percepção dos fonemas da palavra, apresenta voz fraca, desatenção, frequentemente pede para repetir as palavras, trocam “p” com “b”; “t” com “d”,...Apesar de não interferir na aquisição da linguagem, pode apresentar dificuldades na articulação da escrita e na leitura;

Surdez moderada – portador de surdez com perda auditiva de 40-60 decibéis, tem necessidade de ouvir vozes com mais intensidade para melhor compreensão dos fonemas, pode apresentar problemas linguísticos, tem dificuldade de compreensão (ouvir) em ambientes ruidosos, sua compreensão verbal é mais visual (leitura-labial), dificuldades para compreender frases gramaticais complexas e as vezes não consegue diferenciar os sons;

Surdez severa – portador de surde com perda 60-90 decibéis.

Segundo o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 da Legislação Citada Anexada pela Coordenação de Estudos Legislativos - Cedi

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

O terapeuta deve estar atendo quanto a essas questões, as vezes a perda auditiva não é perceptível pelo próprio paciente e/ou família, em alguns casos, não é admitida pelo sujeito por vergonha, ou repressão pelos familiares. As perdas auditivas Sensório-Neurais (recém-nascidos de alto risco, doenças genéticas, caxumba, meningite, doença de meniére, ostoclerose coclear, plesbiacusia, doenças cardio-vasculares, neurinoma do acústico,

doenças metabólicas e hormonais, sífilis, trauma acústico, ototóxicos) podem ser investigadas no momento da anamnese.

Devido as dificuldades de comunicação com ouvintes, o sujeito surdo procura isolamento e vivem em grupos. Apresentam dificuldades na escrita e evitam se comunicar através dela, em ambientes barulhentos apresentam inquietudes pois são sensíveis as vibrações, quando percebem que não são compreendidos finalizam a conversar. São dependentes emocionalmente principalmente com amigos ou parceiros ouvintes. A minoria conseguem frequentar universidade, moram sózinhos, dirigim e são financeiramente independentes.

2.3 HISTÓRIA DOS SURDOS

A historia dos surdos é universal, pois onde houver surdos haverá comunicação em sinais. Surpreendentemente são aqueles que lutaram por uma língua de sinais, e perceberam que não eram apenas gestos, mas haviam uma interação cultural e social nas comunidades dos surdos.

Charles-Michel de L'Épée considerado como “pai dos surdos”, dedicou a sua vida exclusivamente à educação e estudo nas línguas de sinais, fundou na França em 1776 a primeira escola pública para surdos. Apesar de ser um homem rico e de grandes posses, lutou pelos direitos da comunidade surda na França: o direito a educação e ao reconhecimento da língua de sinais francesa. Seus estudos e métodos influenciaram outros educadores na língua de sinais e a criação de espaços educacionais para sujeitos surdos em todo mundo. De acordo com Olizaroski (2019) “[...] propagando a língua de sinais e fazendo com que a história dos surdos evoluísse e ganhasse credibilidade, fundamentada num ensino de bons resultados.”

Conhecer a história do povo surdo e da comunidade surda no Brasil é importante para psicanálise, visto que, nos permite entender acontecimentos, transformações e consequências pela quais este povo passou em toda a sua trajetória de vida. Conhecidos como deficientes mentais, macacos e incapazes de se comunicar, os surdos passaram por processo de dor e esquecimento na sociedade brasileira.

A educação dos surdos no Brasil inicia-se durante o Segundo Império com a chegada francês Hernet Huet, professor surdo, aceitou o pedido do Imperador Pedro II para ensinar a língua de sinais ao filho (surdo) da Princesa Isabel, esposa do Conde D'Eu parcialmente surdo. Huet acreditava na capacidade educacional das pessoas surdas e não as viam como incompetentes, e com apoio do Imperador Pedro II, é fundado o Imperial Instituto dos Surdos-mudos (1855).

Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação para Surdos – INES. Este convite se deu ao fato de, em junho de 1855, Huet ter apresentado ao Imperador D. Pedro II um relatório em língua francesa, cujo conteúdo manifestava o plano de um estabelecimento para surdos. Sua solicitação foi atendida através da Lei nº 939 de 26 de setembro de 1857, que fixava a despesa e orçava a receita do Império para o exercício de 1858/1859. Huet, assim como L'Épée, era adepto a língua de sinais e utilizava em suas aulas o método combinado. Os surdos tiveram, finalmente, a oportunidade de criar sua própria língua: a Língua Brasileira de Sinais – Libras, que utilizavam livremente para a comunicação e expressão e também a recebiam em sua educação acadêmica, ministrada naquela época, apenas em escolas especializadas. (OLIZAROSKI, 2019, p. 20)

Entretanto, língua de sinais era ensinada restritamente para sociedade aristocrática em contexto educacional (Álgebra, História do Brasil, Geografia...) a maioria da população surda não tinham acesso, aprendiam sinais no contexto familiar (sinais locais) ou em contexto religioso para catequese. A LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais teve fortes influências da língua francesa de sinais, apesar de não se encontrar no conteúdo programático por Huet. A primeira tentativa de registrar a língua de sinais falada no Brasil foi em 1969, mas sem sucesso. Em 1970 com a Filosofia da Educação total e a proposta do Bilinguismo para comunidades surdas no Brasil, a educação para surdos firmaram raízes e pesquisas sobre o assuntos começaram a surgir e tem aumentado gradativamente.

Hoje reconhecida no Brasil como “língua de sinais” regulamentada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Legislação Citada Anexada Pela Coordenação de Estudos Legislativos - Cedi

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Conhecer a sua história é compreender as suas realizações linguísticas, sociais educacionais que nos permite e ajuda a explicar e a entender as comunidades atuais. Os surdos estão adentrando nas universidades e no mercado de trabalho e a cultura surda tem crescido e ganhando espaço também no governo brasileiro, quem vê os surdos conversando fluentemente em libras não imagina o árduo caminho de lutas pelos direitos de igualdade na educação e trabalho, apesar dos impedimentos do “ouvir” e “fala”, libras é a sua língua L1 (primeira língua) e as mãos são as palavras “faladas”.

2.4 PSICANÁLISE E LIBRAS

O primeiro desafio entre a psicanálise e surdez é a falta do conhecimento da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais por parte do terapeuta. Não é tão fácil a compreensão, pois se tratando de um língua é tão complexo como qualquer outra. A inviabilidade de aprender e relacionar-se com surdos não esta só na língua, mas também o conhecimento sobre a cultura em que estes sujeitos estão inseridos. Como eles veem no seu dia-a-dia, como se organizam e inserirem novos elementos linguísticos como as gírias, piadas assegurando as várias formas de comunicação entre eles em defesa da língua.

A datilologia (soletrar) é conhecida como o alfabeto em LIBRAS é uma das primeiras forma de comunicação de fácil acesso. Permite o surdo escrever manualmente nomes:

ALFABETO DE LIBRAS



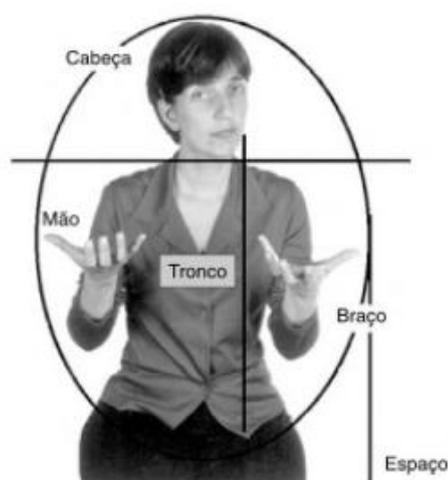
Fonte: Acessibilidade das mãos, 2018

Ao pensar no sujeito surdo, talvez vem a mente uma pessoa simplória, comum com pouco intelecto e excluído do cotidiano, pelo contrário, são sujeitos participativos e protagonistas de sua própria história.

Libras é uma língua visual-espacial sendo necessário para o aprendiz atenção visual para ouvir e as mãos para falar.

Uma vez que entendemos que um entrave para o atendimento de indivíduos surdos através do método psicanalítico a barreira comunicativa que se impõe aos ouvintes que não conhecem LIBRAS, é imprescindível analisarmos de perto estes sistemas de signos não-verbais (HALABE, 2019, p. 44).

A Libras apresenta como características principais os cinco parâmetros que compõem para a sinalização são eles: configuração de mãos (CM); movimento (M); orientação (O); ponto de articulação (PA) e expressão facial (EF). Não existe um único sinal em libras que pelo menos não necessite de três parâmetros. Os principais são : Ponto de Articulação (PA), Movimento (M) e Configuração de mãos (CM).



Fonte:

JusBrasil, 2018.

Além das características principais temos também os sinais icônicos que representam movimentos ou imagens que são fáceis de compreensão na língua portuguesa ou qualquer outro idioma, como por exemplo, o sinal de “borboleta”. Já os sinais arbitrários não mantem nenhuma relação com o objetos como por exemplo o sinal de “ajudar”.



Fonte: cidadãoopg.sp.org.br

É necessário o conhecimento da língua para uma comunicação mais objetiva. Libras como qualquer outra língua tem as suas peculiaridades linguísticas e variações também. No que diz a respeito da psicanálise o conhecimento ainda deve ser maior, já que as palavras possuem significações diferentes quando se trata do inconsciente..

Estas particularidades da língua de sinais dificultam a compreensão do discurso do paciente, e reque que o psicanalista esteja familiarizado com a estrutura da língua. Outras estruturas com os verbos, advérbios, conjugações de tempo, conjunção e outras classes gramáticas são mais difíceis de compreensão se não houver contato com a comunidade surda.

2.5 DEPOIMENTOS DE ANÁLISE COM SURDOS

Uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul com psicoterapeutas psicanalistas ouvintes com pacientes surdos, conforme a proposta de Neves (2018), revelou o seguinte:

“Sem a possibilidade do conhecimento da língua, não tem como estabelecer uma comunicação com o mínimo de dificuldades”. Nem todos iniciaram no campo com fluência, como refere N1: “eu não dominava a língua, mas pensei: agora vou ter que começar, e foi”; mesmo assim, N3 afirma, de forma categórica, que “não basta aprender a língua, tem que dominar”. N6 acrescenta: “Não é só a fluência, mas saber empregar a língua dentro do contexto da cultura. É uma língua dinâmica, com gírias próprias” (NEVES, 2018, p.34)

E ainda,

“Eu via que o uso do sinal facilitava muito. Eu acho que eles se sentiam, de certa forma, liberados para usar os sinais. Coisa que não era valorizado pela fono e pelos pais. Infelizmente, ainda hoje não é”. Os profissionais enfatizaram que o domínio do idioma possibilita um acolhimento mais caloroso e efetivo. “Abrir a porta do consultório e tu cumprimentares em língua de sinais, a pessoa responder em língua de sinais e manterem a conversa em língua de sinais, eu não sei explicar exatamente que diferença tem, mas cria um outro ambiente”. N5 complementa: “Eu percebo que, no momento em que o sujeito chega numa terapia que tem uma pessoa que consegue acessá-lo, que consegue entendê-lo, para ele é fantástico” (NEVES, 2018, p.34).

As respostas foram unânimes entre os participantes sobre a importância do conhecimento da LIBRAS como uma ferramenta importante na psicoterapia, não somente a língua de sinais, mas a imersão na cultura surda e o seu desenrolar na sociedade é primordial.

“A personalidade do surdo se forma, assim como a do ouvinte, com os recursos que ele tem”; “aspectos da personalidade são subjetivamente atravessados pelas experiências em função da língua, da rede de apoio, do estranho e da falta de sons”; “o surdo nasce estrangeiro na própria nação”. Essas falas vieram acompanhadas de reflexões que expõem um meio inacessível, carregado de preconceito e desinformação. Alguns relatos foram firmes ao denunciar que a deficiência e a maioria das dificuldades que a surdez enfrenta estão no ambiente, e não no surdo. “A rede de apoio deficiente interfere na forma como o surdo vivencia a surdez”; “algumas crianças surdas não são inseridas numa língua em tempo hábil”; “o processo de aprendizagem deles, às vezes, começa mais tarde. Alguns são do interior, têm que 38 trabalhar, abandonam os estudos. A acessibilidade é ruim. O assistencialismo é ruim”; “eles têm informações picadas”. Além disso, “acabam validando muitas coisas através da visão”, como descrito no trecho a seguir: “[...] como é que a gente aprende em casa? A gente aprende porque a gente está brincando e o papai, a mamãe, estão conversando. Quando eles estão de bem, quando eles estão de mal. Se eles brigam, podem até fechar a porta do quarto,

mas a gente ouve. Porque se tem som, a gente vai ouvir. Criança, ouve. Ou então, a criança está ali brincando e ouve a mamãe combinar com a vovó que no final de semana vão ir na vovó. A mamãe não disse ‘ah, nós vamos na vovó’. A criança ouviu. A criança surda está, literalmente, brincando naquele mundo. Se ninguém chamar e disser: ‘olha lá ó, passou o carro! Olha lá ó, o barulho da ambulância!’. Se tu não avisares e tu não chamares o surdo para o que está acontecendo, ele não vai conhecer o mundo. E essa é a diferença de um surdo e de um cego, por exemplo. O cego interage muito mais no social do que um surdo. Ele não enxerga com os olhos, mas ele está ligado em tudo o que está acontecendo. O surdo está ligado só quando ele está olhando. Se ele não está olhando, ele consegue desligar. O cego não desliga. Então, essas diferenças não caracterizam a surdez em si, mas esse sujeito que tem essa perda. Ela faz com que ele perca todas essas conexões com o que é do auditivo, que é a gama das informações. A gente acha que as informações são visuais. O mundo é visual, mas os conceitos não são visuais. O conceito é auditivo” (NEVES, 2018, p.38).

Não obstante, N3 destacou:

“(...) a falta da escuta da voz da mãe, na constituição subjetiva, tem um efeito. Ela tem um efeito de impedimento, de um obstáculo. O bebê que não escuta a voz da mãe desde o nascimento perde alguma coisa. Ele tem esse obstáculo na sua constituição subjetiva. Ele pode ficar em período de autismo por mais tempo, porque a criança ouve antes de enxergar. O que a tira do si mesmo é a voz. A mãe convoca, primeiro, pela voz. Depois, pelo olhar. Os barulhos e efeitos, a criança perde isso” (NEVES, 2018, p.38).

Convém chamar a atenção para os obstáculos no desenvolvimento do sujeito surdo que advém com conflitos emocionais, relação com um meio preconceituoso e despreparado para lidar com a diferença. São aspectos transferenciais importantes e contratransferenciais a serem explorados, com a intenção de compreender a psicodinâmica desses sujeitos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicoterapia Psicanalítica com pessoas surdas é viável, já que confere lugar na subjetivação do sujeito com impedimento da audição, entretanto, se faz necessário o conhecimento da LIBRAS como meio de comunicação mais efetiva na terapia.

Apesar da “escuta clínica” ainda ser “sonora” dispõe-se com mais efetividade, e a garantia para os movimentos transferências revelados, a língua de sinais sendo uma modalidade espaço-visual, desperta a “escuta dos olhos” e “a fala das mãos” do psicoterapeuta.

Libras como qualquer outra língua tem as suas peculiaridades linguísticas e variações também. Possui gramática própria, gírias, piadas e metáforas. LIBRAS é a Língua Brasileira de Sinais e reconhecida no Brasil.

No que diz a respeito da psicanálise o conhecimento ainda deve ser maior, não só na língua, mas na história e na culturas surda, marcadas por dificuldades e preconceitos, pois, possuem significações diferentes quando se trata do inconsciente.

A pesquisa evidenciou carências de profissionais em razão da não capacitação e o domínio da LIBRAS e pesquisas sobre o assunto. Convém reforçar que a conclusão desse trabalho não é um fim, mas um incentivo para elaboração de novas pesquisas e publicações a respeito da terapia com surdos.

REFERÊNCIAS

B. BEATRIZ, Alice; BASTOS, Iziq. **A escuta psicanalítica e a educação**. Universidade Gama Filho - Núcleo de Psicanálise e Educação. Vol.13 n.13 São Paulo, 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092009000100006 >. Acesso em: 22 agost. 2019.

BARROS FALCÃO, C.; KRUG, J.; MACEDO, M. Do passado à atualidade: a psique pede passagem. _____ **In: MACEDO, M. (org). Neurose: leituras psicanalíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BASTOS, E. A. M. **A escuta no chão de fábrica**. São Bernardo do Campo, Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Metodista de São Paulo, 2004, 10p.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. _____ **In: Coleção completa das obras de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.

HALABE, Dannilo Jorge Escorcio. **A PSICANÁLISE REALIZADA EM LIBRAS: Demandas e desafios da clínica com pacientes surdo**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC / SP. Tese de Doutorado. São Paulo, 2018. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20946/2/Dannilo%20Jorge%20Escorcio%20Halabe.pdf> >. Acesso em: 10 set. 2019.

KEPPE< Marc André R. Curso de Psicanálise. **Livro Básico: histórico, Teorias e Técnicas da Psicanálise**. São Paulo: Edição Inteligentes, 2006.

MACEDO, Mônica Medeiros Kothe; FALÇÃO, Carolina Neumann de Barros. **A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006>. Acesso em: 10 agost. 2019.

MENDES, Elzilaine Domingues; PARAVIDINI, LEITÃO, João Luiz . Os significantes da escuta psicanalítica na clínica contemporânea. Universidade Federal de Uberlândia, ISSN 1415-1138, v. 11, n. 20 . São Paulo, 2007. Disponível em <pepsic.busalud.org/pdf/psyche/v11n20/v11n20a07/pdf>. Acesso em: 20 agost. 2019.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Liguagem Aplicada. _____ **In: Bakhtiniana**. Rev. Estud. Discurso. v. 7, n. 2. São Paulo: Jul/Dez, 2012.

MOURA , Joviane Aparecida de. **O Método da Associação Livre**. Psicologado, 2009. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/o-metodo-da-associacao-livre>>. Acesso em: 15 set. 2019.

NEVES , Juliana Torres Porto. **Psicoterapia Psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre características e adaptações técnicas da prática Mestre em Psiquiatria e Ciências do Comportamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018 Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188898/001075454.pdf?sequence=1&isAlloved=y>> (entrevista). Acesso em: 20 dez. 2019**

OLIZAROSKI, Iara Mikal Holland. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO SUJEITO SURDO E REFLEXÕES SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE REGEM A EDUCAÇÃO DO SURDO NO BRASIL. NAPPS – **do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS** – da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Cascavel-PR – SEMED. Acesso em: 27 set. 2019. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/6/artigo_simp osio_6_892_iaramikal@hotmail.com.pdf>

QUADROS, Ronice Müller de, KARNOPP, Lodenir Brcker. Língua de Sinais Brasileira: **Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 201